

A censura em pauta: Covemg realiza audiência pública

A censura em pauta: Covemg realiza audiência pública 29 de Março de 2017 , 12:55

A censura em pauta: Covemg realiza audiência pública



A Comissão de Verdade em Minas Gerais (Covemg) realizou em 23 de março na Associação Médica de Minas Gerais audiência pública com um grupo de jornalistas mineiros para tratar da censura aos meios de comunicação de massa em Belo Horizonte no período da Ditadura. Segundo Maria Céres Pimenta Spinola Castro, membro da Comissão e coordenadora da subcomissão responsável pelo evento, a audiência integra a investigação que a Covemg vem conduzindo sobre as graves violações aos direitos do cidadão mineiro que aconteceram no período. Foram convidados a falar sobre suas experiências os jornalistas Aloísio Moraes, Carlos Lindenberg, Manoel Marcos Guimarães, Mirian Christus, Vilma Fazito, Washington Melo e o Secretário de Estado de Direitos Humanos Participação e Cidadania, Nilmário Miranda. Robson Sávio, Coordenador da Covemg abriu os trabalhos em nome da Comissão.



Robson Sávio, Coordenador da Covemg abriu os trabalhos em nome da Comissão.

Os jornalistas relataram suas experiências profissionais e o embate inevitável com as muitas formas pelas quais se exerceu a censura nos veículos de comunicação em Belo Horizonte. Segundo os testemunhos, houve períodos em que a ação censória foi mais visível, com a presença, nas redações, de militares que tinham a tarefa de ler o que era produzido e decidir o que iria ser publicado ou não. Em outros períodos, a função era exercida por um funcionário da Polícia Federal, que visitava as redações no momento do fechamento das edições. Os jornalistas falaram também de uma lista de assuntos "proibidos" que era afixada nas redações. Além de assuntos marcadamente políticos, temas surpreendentes entravam na lista de proibidos. Manoel Guimarães lembrou da epidemia de meningite nos anos 1970, que foi "banida" dos noticiários.



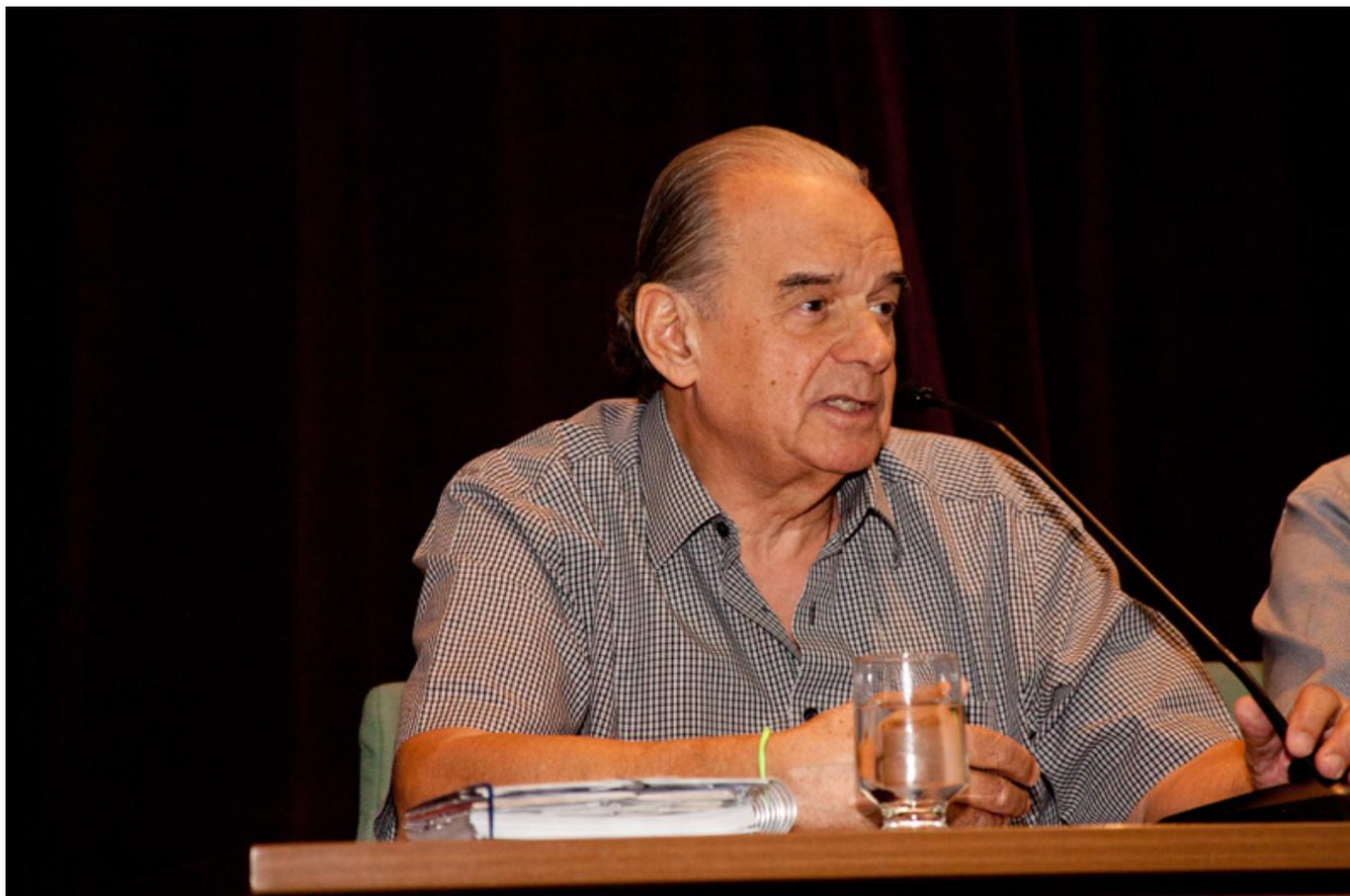
Manoel Guimarães lembrou da epidemia de meningite nos anos 1970, que foi "banida" dos noticiários.



Maria Céres Pimenta Spinola Castro, membro da Comissão e coordenadora da subcomissão

responsável pelo evento.

No conjunto, eles foram unânimes em atribuir aos dirigentes dos veículos atitudes que poderiam ser consideradas como uma autocensura, ou seja uma antecipação da proibição que certamente viria. "Típico de Minas: a ação da censura nos jornais de Belo Horizonte foi pacificada, porque os donos dos jornais colaboraram", relata Washington Melo. Uma das fontes de informação sobre o que era proibido eram telegramas que chegavam às redações, lembra. "Muitas vezes ficávamos sabendo de fatos através de telegramas que proibiam este ou aquele tema". A morte de Mariguella foi um dos fatos lembrados para ilustrar.



Washington Melo



Carlos Lindenberg

O episódio da prisão dos padres franceses foi o exemplo usado por Carlos Lindenberg para ilustrar as muitas maneiras de que se valiam os repórteres para driblar a vigilância. Os padres foram presos, e sua localização tornou-se um mistério. Para ter acesso aos padres e confirmar a notícia, o jornalista e o fotógrafo tiveram que burlar a vigilância do Colégio Militar, onde os mesmos se encontravam detidos.



Aloísio Moraes apresentou na audiência um exemplar da Revista Circus, com o carimbo da censura em quase todas as páginas.

Aloísio Moraes apresentou na audiência um exemplar da Revista Circus, com o carimbo da censura em quase todas as páginas. A penas o expediente escapou, brincou o jornalista. Uma outra prova documental foi apresentada por Carlos Lindenberg. Trata-se de entrevista feita com Pedro Aleixo, vice-Presidente, que foi impedido de assumir a Presidência na doença de Costa e Silva. A entrevista feita para as páginas Amarelas da Revista Veja foi censurada e só muito recentemente o jornalista teve acesso ao documento carimbado pelos censores.



Nilmário Miranda relatou a experiência do Jornal dos Bairros.

Nilmário Miranda relatou a experiência do Jornal dos Bairros como uma forma diferente de ação coercitiva do direito de expressão. "O jornal era um trabalho político voltado para quem não tinha o hábito de leitura" Em 1976, a ação da censura não era tão aguda e "o jornal não tratava de temas gerais, mas da vida do povo", relata . A ação veio por meio da força. A sede do jornal foi atacada e roubada. "na impossibilidade de censurar, roubavam para causar danos, pois o jornal vivia de doações".



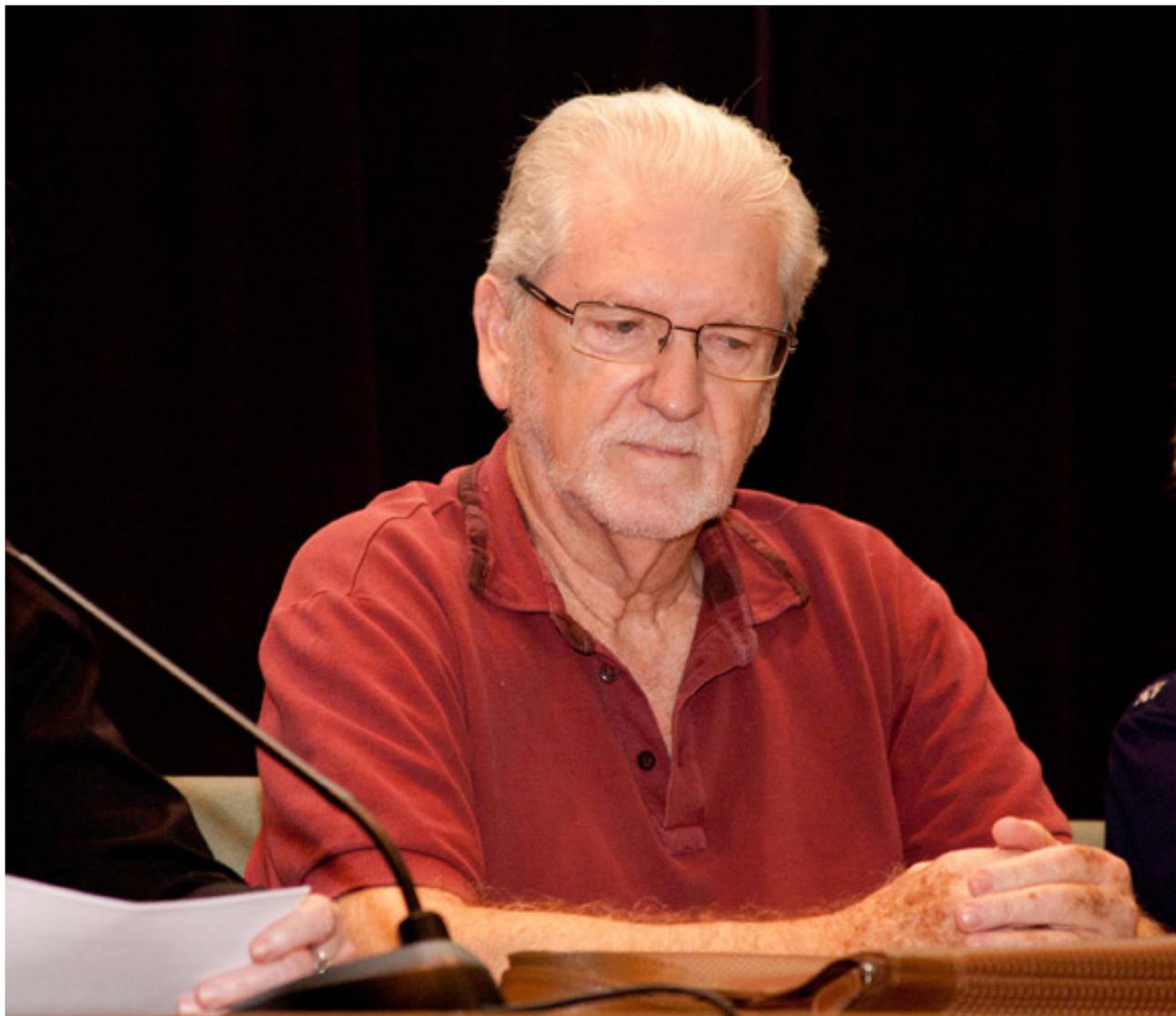
Vilma Fazito falou da experiência como repórter de televisão.

Vilma Fazito falou da experiência como repórter de televisão e se lembrou de palavras que eram proscritas. "Greve era uma delas, tínhamos que falar em paralisação".



Míriam Chrystus

Míriam Chrystus , lembrando do poeta Rimbaud, falou em um "ar do tempo", onde a vigilância era total e os pequenos atos podiam oferecer perigo. "Eram tempos heróicos", afirmou.



O Coordenador adjunto Jurandir Persichinni, encerrou os trabalhos em nome da Comissão e relatou as ações sofridas por ele naquele período.

[Enviar para impressão](#)